

Protestamos de todos os países contra vós!

INVAZÃO

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA (S.R.C.)

A prisão de Paiva Couceiro

Ninguém ignora em Portugal quem é este caudilho monárquico. Ele foi nos tempos da monarquia um colonialista notável, chegando a ser governador de Angola. As questões coloniais nunca deixaram de o interessar. Apesar de todas as afinidades com a ditadura apesar de todo o seu racionalismo, o sentimento patriótico falou nele mais alto do que as suas opiniões políticas, e levou-o a denunciar a política de traição nacional de Salazar. Há mais dum ano escreveu Paiva Couceiro uma carta que os jornais depois publicaram denunciando que Salazar vendia as Colónias à Alemanha. Agora escreveu aos altos comandos do exército uma nova carta onde denunciava a próxima perda das Colónias. Os círculos políticos conservadores, não obcecados pela política salazarista, acompanharam-no. Mas Salazar, que não admite vozes discordantes, tendo-o criminosamente prendido e a alguns dos seus amigos. Entre os presos encontra-se o poeta Afonso Lopes Vieira.

Estas prisões vão confirmar-se confirmação de que necessária como é justa a linha do P.C. afirmando o perigo que corre a independência de Portugal, e a necessidade dos esforços de todos os portugueses para derrubar o fascismo.

Nesta hora grave para os destinos da nossa terra, o Partido Comunista proclama a necessidade de união de todos os portugueses que queiram conservar livre e independente a Nação Portuguesa. Por isso, apesar das divergências que nos separaram de Paiva Couceiro, nós apoiamos a luta que ele move contra a venda de Portugal a Hitler e a Mussolini e exigimos a sua libertação.

Portugueses, todos unidos, como um só homem, lutemos pela Independência de Portugal, ameaçada pela política de traição nacional de Oliveira Salazar.

CARTA de Paiva Couceiro

Depois de composto este artigo, foi publicado nos jornais uma nota oficial do Governo, confirmando a prisão de Paiva Couceiro e anunciando a sua expulsão de Portugal.

Temos diante de nós esta carta que deu origem a esta medida salazarista.

Transcrevemos dela algumas passagens visto a sua extensão não permitir a sua publicação na íntegra:

Está em perigo a Integridade nacional

E no entanto, com essa temeridade continua na página 2.

1.º DE DEZEMBRO DE 1640

A seguir à louca aventura de D. Sebastião em África, cujas ambições imperialistas custaram ao país mais de 10 mil vidas e todas as possibilidades económicas da Nação, a bancarrota moral arrastou-nos à maior das ignomínias: a venda de Portugal a Filipe II de Espanha. Este, que conhecia a lição de Aljubarrota, achou mais prático e económico a compra do que a conquista do nosso país.

Os fidalgos de então, levando uma vida de tausto parasitário, ostentando um luxo desenfreado, vobrinde-se de ouro, pérolas e pedras preciosas, não podendo manter esse luxo por se encontrarem arruinados, mas não o querendo abandonar, preferiram vender-se ao rei espanhol, que lhes assegurava um rendimento bastante para continuarem essa vida de ostentação.

Quando reuniram as cortes de Almeirim, para decidir quem sucederia ao rei morto em Alcazar Kibir, já se sabia que os votos dos nobres e do clero cairiam todos para o rei espanhol porque todos os deputados estavam comprados. Dos próprios governadores do reino — que eram 5 — venderam-se.

O povo ainda tentou reagir. Mas faltaram-lhe dirigentes, e a tentativa da revolta de Santarém, orientada por Febo Moniz — o grande patriota que no meio da tanta podridão não se deixou corromper — não teve efeitos positivos.

Quando quer que Filipe II encontrasse uma resistência — diz Alexandre Herculano — acudia ali com o ouro ou com promessas e quasi que tinha a certeza de superar a dificuldade: a questão estava, não na compra e venda, mas só no quanto do preço. A tenacidade e o amor da independência nacional dos Filipes-Moniz foram excepções monstruosas que só encontravam paralelo no povo. O próprio D. António Prior Velho, que era chamado pelas circunstâncias a representar o papel de D. João I, que, bem como ele, tinha por si o amor popular, foi um miserável que só se colocou à frente do povo, no qual dirigiu sem ordem, sem juízo e sem energia, porque não lhe ohegaram os castelhanos ao preço porque lhes queria vender alma e corpo.

Ficava, ainda, o 3.º pretendente ao trono — o duque de Bragança — mas este, possuindo um terço da nação, tendo uma corte privada e levando um luxo de rei, preferia as caçadas em Vila Viçosa a ter que se armar na defesa de Portugal.

E, desta maneira, foi fácil a Filipe II de Espanha tornar-se Filipe I de Portugal.

A dominação espanhola representa 60 anos de opressão, de vexames, de cobras. «As rendas do Estado eram distribuídas ou para os gastos da fastuosa corte de Filipe IV, ou para as desperdiçarem nas mãos dos validos cubileiros e dos seus apaguados, ou finalmente para se aplicarem às despesas das guerras ruinosas que em diferentes países fazia a monarquia espanhola». «Os nossos mancoes eram levados a morrer nessas mesmas guerras em países remotos, enquanto as colónias portuguesas caíam em poder de estrangeiros por falta de todo o socorro».

Em 1637, Filipe IV lançou um novo imposto sobre os portugueses, imposto de gozo ou cruzados anuais, verba impossível de pagar. E de todos os atentados cometidos diariamente pelo governo castelhano, claro está que este, ofendendo interesses materiais e imediatos, devia ser por si só mais odioso do que todos os outros juntos. E isto foi o começo do incêndio. O povo de Évora, perante a violência das autoridades, revoltou-se. E, quando estas o quiseram castigar, enforcando os seus delegados, assaltou a Casa da Câmara, incendiando-a. A revolta alargou-se por todo o Alentejo e Algarve.

E enquanto o governo castelhano estava indeciso sobre o que havia de fazer sobre um tão amplo movimento, os fidalgos continuavam a traír o povo e o duque de Bragança, que seria três anos depois rei de Portugal — escrevia a Filipe IV pondo-se às suas ordens e dizendo-lhe que nada tinha que ver com o que se passava!

A repressão não se fez esperar. E os representantes do povo pagaram na força o seu amor à independência de Portugal.

Apesar da permanente traição dos fidalgos e dos bispos, Filipe IV não estava socoçado, fazendo todos os esforços para afastar de Portugal os principais fidalgos e entre eles, e em primeiro lugar, o duque de Bragança. Todos os protestos lhe serviam para os chamar a Madrid, onde era mais fácil a sua vigilância. Por fim, em 1640, aproveitando a revolta do povo catalão, que queria libertar-se do jugo castelhano, Filipe IV convidou o duque de Bragança e todos os outros fidalgos a organizarem um exército e marcharem contra a Catalunha. Já não podiam continuar encobertos na sua cobardia. Ou se entregavam nas mãos de Filipe IV que pretendia apenhar-los em Madrid para os prender, ou se aliavam à revolução

segue na página 2

Inundações

O inverno rigoroso deste ano tem trazido chuvas enormes, arrastando à miséria milhares e milhares de lares de Camponeses. Há culturas completamente perdidas, e as enchurradas têm levado casas, móveis, stenhais, árvores e sementais, espalhando a maior desolação. Do norte ao sul do país milhares de famílias encontram-se sem abrigo.

Os jornais fascistas publicam relatos enormes dessas desgraças; centenas de povoações pedem socorro, e por isso esses jornais não podem calar o clamor dum país inteiro. Mas o governo mantém-se silencioso, como se tanta desgraça se passasse noutra planície.

É preciso que o governo tome imediatas providências, mandando urgentemente socorros a todos os sinistrados e anulando os impostos que incidam sobre as propriedades que sofreram com as inundações. A situação é demasiado afilada para permitir demoras ou burocracias.

Se Salazar tem arranjado muitos milhares de contos para auxiliar os fascistas espanhóis, tem que os arranjar para socorrer os portugueses lançados na miséria.

Que todos os jornais abram subscrições entre a gente rica, já que tão prontos estiveram para as abrir para auxiliar Franco. O jornal a «Voz» arranjou 800 contos para os espanhóis. Que mostre o seu patriotismo arranjando outros 800 contos para os portugueses que não têm uma telha para se abrigar no meio do temporal.

O Rádio Club tem mandado centenas de camionetes para Espanha, com roupas e víveres roubados às necessidades da nação.

Que não passe nem mais uma! As populações que vivem passar às suas estradas camionetes para Espanha, lembrem-se que o que elas levam é seu e lhes falta a fazer muita falta, e não as deixem seguir.

Portugueses vítimas das inundações, exigi das autoridades e do «Estado rico o auxílio que necessitais; organizai bandos preventivos, ide junto dos ricos que vos ajudem.

«Portugal foi vendido, por Salazar, ao estrangeiro. Por cada dia que passa se consolida e alarga a dominação da Alemanha e da Itália sobre o nosso país. Se não cessarmos tempo, Portugal transformará-se numa simples colónia de Hitler e Mussolini. Se não detemos imediatamente a nossa vertiginosa para o abismo, a queda da nacionalidade portuguesa será desastrosa».

Do folheto editado pelo P.C.P.: «A CAMINHO DA GUERRA E DA DOMINAÇÃO ESTRANGEIRA».

Carta de Paiva Couceiro

continua da página 1

rossa ameaça sobre a cabeça, o Povo dorme (não é o povo — dizem-nos — que dorme), são aqueles que, como o Exército, tendo a força armada à sua disposição deixam que Salazar straição o país? ou assiste aos festivais que, embora o tempo não esteja para danças, V.E.x. lhe proporciona.

Faziam o mesmo os imperadores romanos da decadência.

Cantam-se jóias as glórias governativas, e ninguém pode dizer o contrário.

O Portugal legítimo do «Senão. Não», foi substituído por um Portugal artificial — espécie de titere de que o governo puxa os cordelinhos.

Vela a pólvora e o lápis azul da censura.

Realizados uns, por esse regime de coibições, — entreitidos, outros, com a digestão que não lhes deixa atender ao que se passa, jaz a Pátria Portuguesa em estado de catalepsia colectiva.

Está em perigo a integridade nacional.

Referindo-se aos métodos financeiros de sangria popular postos em prática por Salazar, Paiva Couceiro diz:

«Ora essa panacea universal que V. Ex. e os seus admiradores colocam ao plácido da sua coroa de estadista, foi em Angola a ruína de muitas pessoas, e foi para todos o abatimento e a apatia amarga, de quem vê apagar-se no horizonte a esperança do futuro de prosperidades que seriam realisáveis pelo seu trabalho se por cima velasse um Estado providente e consciente. E a miséria e o desemprego são mais conselheiros».

Paiva Couceiro, diz o que não nos fazíamos de repetir:

— Salazar rouba a Nação, arruina-a, redu-lá à miséria e ao desemprego.

Malis adiante:

«V. Ex.» sabe muito bem o que representaria para Portugal a perda de Angola, deve sabê-lo muito bem, o que mais agrava ainda a responsabilidade que assume...»

A perda de Angola seria moral e materialmente a mais miserável das falências nacionais seria a liquidação «de todas as nossas aspirações de grandeza pátrias», seria a ruína do nosso melhor instrumento de expansão industrial, agrícola, populacional e mercantil... o desaparecimento do próprio Portugal históricos etc, etc.

Paiva Couceiro conclui este período dirigindo-se nestes termos a Salazar:

«— Não deveria V. Ex. esquecer isto, Senhor Presidente. Mas cumpre-me declarar-lhe que, a nossos olhos, o está esquecendo».

Isto é, Paiva Couceiro reconhece que Salazar trabalha conscientemente para a perda de Angola. Paiva Couceiro, juntando a sua voz à nossa e à de todos os verdadeiros amigos de independência de Portugal cria a Salazar: **Traidor! Traidor!**

Ninguém pode já ignorar que Salazar vende a Independência a Alemanha e a Itália e arrasta o nosso país à guerra.

O Exército e todos os verdadeiros

TRABALHADORES, ANTI-FASCISTAS!

O Partido Comunista, correspondendo a uma necessidade imperiosa da luta anti-fascista, não se poupa a esforços para levar a efeito a máxima agitação e propaganda e para organizar a luta contra o fascismo.

O «AVANTE!», que é o único semanário anti-fascista que se publica em Portugal e o único jornal que se publica sem interrupção desde Junho de 1934 até à data, o «AVANTE!», órgão querido de todos os trabalhadores, é o fruto brilhante dos esforços e dos sacrifícios do Partido Comunista.

Mas o «AVANTE!» não pode viver apenas dos esforços e dos sacrifícios do Partido Comunista.

O «Avante!» só pode viver se for mantido por todos os trabalhadores, por todos os anti-fascistas.

Nos últimos tempos, longe de ter aumentado, o auxílio dos trabalhadores ao «AVANTE!» e ao P.C.P. tem diminuído.

No mês de Outubro, o C.C. recebeu, apenas, 20% da importância global do número de exemplares do «AVANTE!» vendidos.

Isto é, 80% dos jornais distribuídos não foram pagos, ou, se o foram, a sua importância não chegou até nós!

No que se refere a auxílio directo, o P.C.P. recebeu dos seus «amigos» — durante o mesmo mês — unicamente 45.480. A subscrição aberta pelo P.C.P. não atingiu, ainda, senão 72.200. Ora durante o mesmo em que nos encontramos, a situação não se mostra mais favorável.

Desta maneira, por mais sacrifícios que os membros do Partido Comunista façam, por mais proeza que passem os que fazem o jornal e os que o distribuem, é impossível manter a publicação semanal do «AVANTE!» e assegurar o seu aparelho de distribuição com os cuidados que a situação requiere.

Mas não só o «AVANTE!» não poderá manter-se, como o Partido Comunista não poderá cumprir as tarefas que a luta contra o fascismo e contra a intervenção em Espanha exigem.

Que fazer?

Deixar de publicar o «AVANTE!» semanal?

Diminuir a actividade do Partido Comunista?

Deixar de ir, pelo país fora, organizar a luta?

Uma tal solução seria uma solução criminosas, indigna do povo anti-fascista de Portugal.

Reforçar o auxílio ao Partido Comunista. Pagar integralmente todo o material editado pelo Partido Comunista.

Por um prática um mais variados iniciativas para auxiliar o Partido Comunista — eis a única solução que se impõe!

Trabalhadores, explorados, a causa da vossa libertação, a causa da defesa dos vossos interesses, a causa da vossa libertação, a causa que garante o futuro dos vossos filhos, a causa de auxílio ao glorioso povo espanhol que se bate pela liberdade de todos os povos e pela Paz, exigem que não vos poupeis a esforços, para ajudar o Partido Comunista.

Ajuda o «AVANTE!»

Ajuda o Partido Comunista!

Cria o grupo de amigos do P.C.P.

‘A organização interna do P.C.P.

As células e restantes organizações do Partido, devem ter em muita conta o apelo que acima publicamos e empregar o máximo dos seus esforços para que o Partido receba dos trabalhadores e auxílio que lhe permite a realização das suas tarefas. Compete, para isso, a cada uma das organizações partidárias:

1.º — Exigir o pagamento das cotas de todos os filiados.

2.º — Exigir, dentro dum prazo fixo, a importância dos jornais, ou doutro material distribuído por cada filiado.

3.º — Exigir de cada filiado que obtenha a maior soma possível de donativos para a subscrição aberta pelo P.C.P.

4.º — Desmascarar e dar o tratamento que se dá a todos os traidores, aos que gastem em seu proveito, o dinheiro dado pelos trabalhadores para o Partido Comunista.

O.C.C. do P.C.P.

Fábrica Barreira & Cia

Por absoluta falta de espaço no próximo número publicamos a carta que recebemos das camaradas desta fábrica pelo que lhes pedimos desculpa.

deiros patriotas se não querem tornar-se cúmplices da traição, devem levantar-se em massa e libertar Portugal de Salazar e de todos os agentes encapitados de Hitler.

ABAIXO O TRAIADOR SALAZAR.

VIVA PORTUGAL LIVRE E FELIZ.

AOS MILITARES anti-fascistas

O cabo-enfermeiro de apelido

«Mendonça», que há pouco fez

serviço em Satazém, é um agente

da Polícia de Informações.

Usa na sua actividade de espi-

rio, o velho processo de se

afirmar um grande revolucioná-

rio.

Estes cães ladram para melhor

morder.

VIGILÂNCIA!

1.º de Dezembro de 1940

vem da página 1

para expulsar os espanhóis. O povo estava disposto a implantar a república, se D. João não se decidisse.

Por isso a revolução de 1.º de Dezembro de 1940, não foi, como diríamos na linguagem de hoje, um patch de apatias, como nos ensinam nas escolas, mas uma verdadeira revolução popular, cujas primeiras chamas tinham brilhado em Évora, três anos antes.

Passa agora mais um aniversário da libertação de Portugal do jugo castelhano. Bastantes nuvens cobrem o céu da nossa independência, e nunca, como hoje, desde 1930 Portugal esteve tão ameaçado. Os representantes dos fidalgos de então, hoje chamam-se fascistas. E Salazar, o traidor, e o actual fidalgo de Vaucondelos, que, como o seu antecessor, oprime e vexa o povo português, refuldando-o à miséria, para servir os seus patrões de Salamanca.

O perigo para a independência de Portugal é hoje igual ao de 1930. Os próprios imperialistas espanhóis não o ocultam e os leitores de o «AVANTE!» conhecem bastantes provas.

No dia da ruína na catedral de Salamanca, na presença de Franco e das autoridades fascistas, os portugueses que estavam presentes ouviram, covardemente, sem o menor protesto, a um orador chamado Largo, a seguinte frase: RECONSTITUIREMOS O IMPÉRIO DE FILIPE II, E LISBOA E BARCELONA CAIRÃO DE JOELHOS DEBANTE DE NÓS! Franco, como Filipe IV em 1640, apesar de Salazar lhe ter pôto o país às suas ordens e de todas as traições nacionais, ainda não tem confiança absoluta na conquista. Ele também sabe o que foi Aljubarrota, e que encontraria pela frente todo um povo cioso da sua independência.

Portugueses! recordando o 1.º de Dezembro de 1940, unamo-nos todos para a expulsão do fagisimo e pela independência de Portugal!

Portugueses! recordando o 1.º de Dezembro de 1940, unamo-nos todos para a expulsão do fagisimo e pela independência de Portugal!

A CARIDADE do Sr. Governador Civil

Ainda por aí, com grande espalhafato, o governador civil se visita as fúrnas de Monsanto, e os hospitais, com o fim, dizem os jornais, de minorar os sofrimentos dos pobres.

Mas tudo isso não passa da mais franca demagogia. Segundo vemos no jornal, foi requerido ao governador civil, a prorrogação do prazo da liquidação dos objectos penhorados por gente pobre: roupas, sapatos, etc., etc. Nada mais humano do que satisfazer esta justa solicitação de pessoas que se encontram na eminência de perder os seus objectos por não poderem pagar imediatamente, no prestamista, os míseros escudos que está lhes emprestou.

Não era esta uma maneira de auxiliar os pobres de Inverno a respeito dos quais tanto se fala? Porque o não faz «Sua Excellencia» se é tão humanitário como os jornais apregoam?

Salvemos a Juventude da influência do fascismo

Durante muito tempo, se supôs que a tarefa do movimento revolucionário, em relação à juventude, consistia em criar uma forte organização juvenil revolucionária legal, que abarcasse grossas contingentes da juventude trabalhadora na luta contra o Capitalismo e contra o fascismo. Isto é, um autêntico Partido Comunista Juvenil! A prática demonstrou que uma tal concepção era puramente fantasista. A juventude não aderiu em massa a uma tal Federação: Em primeiro lugar, pelo seu carácter ilegal, em segundo lugar pelo seu carácter político. Por isso, a Federação deminuiu a medida que a repressão aumentava.

Entretanto, o fascismo decretava a fascização da juventude. Entendia que a mocidade é uma arma decisiva nas mãos de quem a souber adestrar, e por isso lançava-se na sua conquista, na «orientação» e embrutecimento sistemático dos jovens portugueses. Para tanto, mobilizou todos os recursos que estão à sua disposição. Ao «jovens mensal, bi-mensal ou trimestral de viagens e distribuição resistida» ouinha as estações de rádio que dia a dia falavam e falavam sobre a Mocidade Portuguesa e metem à força no ouvido de todos nós o hino da Mocidade. «A meia dúzia de heróicos e abnegados militantes que empurravam a Federação no meio da legalidade, opunham-se dezenas de oficiais do Exército, dezenas de professores liceais, milhares de professores primários que constituíam a força mobilizada para impulsionar os jovens no caminho da fascização».

Enquanto os jovens comunistas pensavam no sacrifício a fazer para a publicação do seu jornal e viam os seus quadros sucessivamente aniquilados pela violência de grupos de provocadores no seu seio — o Estado fascista promovia paradas de dezenas de milhares de jovens e criava escolas de quadros que, logo de uma vez, mandavam cá para fora centos de rapazes aptos a comandarem o aparato militar da «Mocidade».

Ao mesmo tempo aproveitavam todas as tendências juvenis, embora desfigurando-as, falsificando-as e criando uma «fascização» da juventude portuguesa com tudo o que lhe é querido.

Compreendia maravilhosamente a mentalidade própria dos jovens, a sua situação moral e económica, o seu amor pelo heroísmo, pelas marchas, pela fardas, pelos desportos, pelo campismo, e fundia numa monstruosa amalgama, aspirações justas e de formação fascistas miseráveis. Para a conquista da juventude, para a infame transformação da geração portuguesa jovem num rebulho sem vontade, o Estado fascista tinha todos os meios menos um, naturalmente — a intenção de salvar os jovens da miséria, da ignorância, da opressão e da guerra. A atenção particular que o fascismo dedica à juventude e os esforços inauditos que faz para a envolver nos seus tentáculos obrigam o movimento re-

Os comunistas e a Nação (II)

No artigo que escrevemos no número anterior, sob o mesmo título, nós refutamos a acusação que nos dirige o fascismo, de estarmos contra a existência de Portugal como nação independente. Proclamamos, e sustentamos, que nós, os comunistas, somos os mais ardorosos defensores da independência nacional, os combatentes infatigáveis do florescimento da nossa cultura nacional e da língua portuguesa.

Poderá parecer à primeira vista que, sob o ponto de vista nacional, nada nos distingue dos nacionalistas que afirmam pretender o engrandecimento de Portugal sob todos os domínios.

Entre nós e o nacionalismo burguês, sejam quais forem as suas formas e variedades, um verdadeiro abismo nos separa.

O nacionalismo burguês, particularmente a sua variedade mais reacçãoista — o nacional-socialismo alemão — pela qual se orientam os fascistas de quase todo o mundo, é uma tendência agressiva, feroz, do imperialismo nacional contra os povos. Em nome do engrandecimento da Nação, o nacionalismo pretende oprimir outros povos, saquear as suas riquezas, exterminá-los se eles resistem. Assim procedeu o nacionalismo italiano na Abissínia, assim procede o nacionalismo italo-alemão em Espanha, da mesma maneira que o nacionalismo japonês, na China. O nacionalismo deste tipo é a guerra imperialista de pilhagem e opressão, é a guerra total contra as mulheres e as crianças. Mas não é só isso. Em nome do engrandecimento da Nação, a grande burguesia «nacional» sangra o povo trabalhador; em nome do «RESPEITO ABSOLUTO DOS SUPERIORES INTERESSES DA NAÇÃO», as classes médias são eliminadas da produção; «PARA DEUS DA NAÇÃO», como clama o ditador Salazar, a população laborosa é ferozmente despojada dos seus mais elementares direitos, e os melhores cidadãos são presos e arrojados para a África mortífera, são barbaramente torturados e assassinados.

Esta é que é a verdadeira essência do nacionalismo burguês de tipo fascista que nos excita, também, a traição à Pátria, à maneira de Franco — que fez invadir a Espanha por alemães, italianos e mouros; e à maneira de Salazar — que vende as colónias à Alemanha e prepara a colonização de Portugal.

Principalmente um tal nacionalismo que, no fundo, não visa outro objectivo que não seja o engrandecimento dum punhado de magnatas, à custa do povo nacional e dos povos das outras nacionalidades, não pode deixar de encontrar no Partido Comunista o mais irreconciliável inimigo.

A nossa amizade por Portugal e pelo seu povo, o nosso respeito pelo que há de progressivo na nossa história e a nossa preocupação de engrandecermos realmente o nosso país, não nos fazem esquecer os nossos sentimentos internacionalistas.

Ao contrário do nacionalismo que proclama a superioridade dum raça sobre as outras, e que atiza o ódio entre os povos, nós, os comunistas, proclamamos que todas as raças nos merecem a mesma consideração e respeito, que todos os povos merecem a nossa estima e com todos queremos estabelecer relações amistosas.

Que se trate dum judeu, dum negro, dum dum seu trabalho, consideráremos como irmãos se viverem do fruto do seu trabalho, não explorarem ninguém. Nós sentimos por um galgo, por um checoslovaco, por um chinês, o mesmo carinho que por um próprio conterrâneo — ponto é que, como nós, sejam explorados e não exploradores.

Nós queremos que Portugal seja grande, e viva fraternalmente com todos os povos, mas só pode ser realmente grande, quando essa fraternidade de povos, que ambicionamos, se instaure.

Nós queremos que a guerra seja definitivamente suprimida das relações entre os povos.

Nós queremos que, em vez do ódio que actualmente separa vários povos, se estabeleça uma comunidade tal como existe na URSS, que é uma enorme reunião fraternal de 100 povos de nacionalidade diferente.

Esta é a essência do nosso sentimento nacional: NACIONAL pela forma socialista, pelo conteúdo.

Esta é a segunda diferença fundamental que nos distingue do nacionalismo.

O nacionalismo pretende a submissão do povo por um punhado de capitalistas, a submissão das outras nações à sua própria.

Nós, os comunistas, queremos a libertação do povo, para o engrandecimento da Pátria conquistada e a cooperação da Pátria livre com outros povos, também livres, no mesmo pé de igualdade, felicidade do homem.

Eis o que querem os comunistas, eis o que eles conseguiram já na URSS sob a direcção do partido bolchevique e de Stáline, eis o que conseguiremos em Portugal quando, para isso, todos nos unirmos e lutarmos com firmeza.

«A PASSAGEM DAS COLÓNIAS, PAULATINAMENTE OU POR MEIO DE UM GOLPE DE FORÇA, PARA AS MÃOS DA ALEMANHA É A CONSEQUÊNCIA INEVITÁVEL DA POLÍTICA DE TRAIÇÃO NACIONAL DO GOVERNO SALAZARISTA.»

Do folheto editado pelo P.C.P.:

«A CAMINHO DA GUERRA E DA DOMINAÇÃO ESTRANGEIRA»

O fascismo francês prepara a guerra civil às ordens da Gestapo alemã!

Os miseráveis cujo boca não tem espaço suficiente para berrear mais forte ainda «Pátria», «Nação», «Cristianismo» e «Civilização latina», o bando de facínorosos que há pouco tempo o nosso Partido irmão de França viaha denunciando ao povo francês como um instrumento nas mãos de Hitler acabam de ser desmascarados.

Os apátridas, os «nacionalistas» franceses, preparavam a guerra civil prelúdio da invasão alemã, certamente mascarada inicialmente pela ida de «voluntários» para a «civilização latina» enviados pela Reichswehr alemã.

Centenas de metralhadoras, milhares de granadas de mão, pistolas-metralhadoras, espingardas, fortins e até prisões ocultavam-se por toda a França para o dia que Hitler indicasse.

Armas alemãs e italianas — dinheiro de quem? — pelavam as alforças francesas, as casamatas cimentadas dos fortins. Centes de estações de rádio aliadas (uns dos pontos estratégicos franceses davam todas as indicações para o ataque alemão no momento oportuno). E então, pobre da França, pobre povo francês atacado interna e externamente, dividido pelas ideologias falsamente atizadas e evidenciadas pela espionagem alemã! Porém, os emissários de Hitler não mereciam, ainda desta vez, os marcos dos seus salários. A voz de Thorez, que há pouco denunciava a preparação da guerra civil por conta da Alemanha foi ouvida.

O povo francês mais se unirá em torno da Frente Popular e do nosso querido e grande Partido irmão, o glorioso Partido Comunista francês, o Partido de Barbusse, de Thorez, de Marty e de Cachin.

E nessa união irão quebrar-se todos os tentáculos de cada um dos oficiais de uma guerra civil que com a existência do fascismo imperialista, a forma primeira da guerra de invasão.

Que nós, portugueses, vejamos, neste exemplo, a que se destina a criação da Legião Portuguesa recomendada pelos alemães como «já provamos no nosso jornal».

Que todos meditemos na penetração que o nazismo está tendo em Portugal e nas condições, pronunciado certo de nações mas, lucros e nefastas para a independência do nosso País!

Que todos tenhamos a coragem voluntária a reaver a sua concepção sobre o movimento juvenil.

Não se trata de criar um autêntico Partido de jovens ou reforçar as organizações sectárias ilegais com o objectivo utópico de mobilizar as largas massas da juventude na luta contra o capitalismo.

Tenta-se de impedir que a juventude caia sob as garras do fascismo. Trata-se de neutralizar a sua influência deletéria.

Este o objectivo fundamental: Demonstráremos num outro artigo que não é com os métodos ilegais da antiga Federação das Juventudes Comunistas ou de qualquer organismo equivalente que se atinge aquele objectivo.

SEMANA INTERNACIONAL

As conversações efectuadas em Berchtesgaden, na semana passada, entre o Lord Presidente do Conselho da Inglaterra e Hitler, diador da Alemanha, começaram já a repercutir-se na vida política internacional.

A primeira dessas repercussões é, sem dúvida, o convite feito pelo Primeiro Ministro e pelo ministro dos negócios estrangeiros, do gabinete inglês, aos seus colegas da França, para a realização duma entrevista que deve ter lugar nos próximos dias 29 e 30.

Porque, a Inglaterra, se apressa a entabular conversações com os principais homens do governo francês, imediatamente, após a chegada de Lord Halifax da sua entrevista com Hitler?

Isso significa, naturalmente, que os problemas tratados nas conversas de Berchtesgaden, são duma tão alta gravidade que a Inglaterra julgou necessário por a França ao corrente e associá-la aos planos que se premeditam.

Que se passa?

Rompendo o mistério impenetrável com que se tentou envolver as conversações de Hitler com Halifax, a imprensa e a Rádio francesas afirmam que a Alemanha propôs à Inglaterra nada menos do que:

A germanização da Áustria;
A desarticalização da Checoslováquia (por outras palavras mais claras a conquista da Áustria e da Checoslováquia);
A instituição da S.L.N., sob a capa da sua reforma, e da suavização do artigo 19.º do pacto da referida Sociedade que trata das sanções; a substituição dos pactos colectivos por pactos bilaterais entre os Estados (o que permitiria à Alemanha atacar um a um, cada país, sem ter de temer as consequências da política de segurança colectiva).

Em troca destas SIMPLES reivindicações, a Alemanha CONTINTAR-SE-IA em reivindicar o reconhecimento dos seus direitos coloniais pondo provisoriamente de parte a pretensão da distribuição imediata das colónias.

Os círculos reaccionários ingleses sentem-se inclinados a transigir às exigências alemãs com o fim—dizem—de AMANSAREM a Alemanha e de conservarem a Paz.

É claro que a satisfação dessas intoleráveis exigências atentaria contra a liberdade e da Independência de Nações como a Áustria e a Checoslováquia, em na de aquietar a Alemanha, antes pelo contrário, aguçariam cada vez mais o seu apêlito: Hoje é a Espanha e a Tcheco-slováquia, amanhã Portugal a Dinamarca, etc.

Desta maneira, pensa a maioria de povo francês e uma parte considerável da opinião pública inglesa. E, pois, inteiramente de estranhar que a França não se alie a uma tão absurda tese, de permitir os agressores com a independência doutros povos.

Mas o problema está colocado com toda a clareza: A Alemanha quer a Áustria e a Checoslováquia.

A Alemanha quer dividir o mundo em seu proveito. Que reflitam sobre estas pre-

A Internacional Comunista
DIRIGE-SE
Aos povos de todo o mundo

Passagens do manifesto do Comité Executivo da Internacional Comunista, publicado por ocasião do XX aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro:

«Heróico, o POVO ESPANHOL luta sob a bandeira da Frente Única não somente contra os rebeldes fascistas mas, ainda, contra a coligação dos Estados fascistas que se abateram sobre a Espanha republicana».

Inspirados pelas vitórias dos trabalhadores da URSS, os operários e camponeses da Espanha lutam por uma República democrática dum tipo novo, onde o proletariado será a força dirigente na luta de toda a nação, onde não haverá mais lugar para o fascismo, cuja base material terá sido minada, onde garantias materiais assegurarão a defesa dos direitos da liberdade e dos interesses do povo.

O POVO - HINES, com a força dos seus 400 milhões de homens, defende valentemente o seu país contra a invasão da camarilha militar japonesa.

O exemplo da Grande revolução socialista que livrou os povos da URSS da opressão do Capital estrangeiro, reforça a consciência nacional das massas populares da China que forjam uma frente nacional de luta contra os invasores nipónicos.

O POVO FRANCÊS, pelo seu potente movimento de Frente Popular, alarga os direitos democráticos e as conquistas económicas dos trabalhadores e repele os ataques repetidos do fascismo».

Em toda a parte, se estabelece a frente da liberdade, da paz e do socialismo contra o fascismo, contra a guerra e contra o capitalismo. E em toda a parte os trabalhadores sabem que o primeiro lugar nesta frente pertence ao GRANDE PAÍS DO SOCIALISMO...

PROLETÁRIOS E TRABALHADORES!

A luta dos povos espanhol e chinês pela sua liberdade e independência é uma luta pelos interesses vitais do proletariado mundial, pelos interesses de todos os povos. Nem um único operário, nem um único trabalhador, nem um único socialista, nem um único democrata, pode deixar de contribuir para a vitória dos povos espanhol e chinês.

Esta vitória é a vitória da causa da liberdade e da paz, da causa de toda a humanidade progressiva...

Lembrar-vos, trabalhadores, que da saída da luta travada pela Espanha e pela China depende a possibilidade para os salteadores fascistas de precipitarem a humanidade numa nova carnificina mundial imperialista...

«DEFENDEMO HOJE A ESPANHIA E A CHINA. DEFENDEIS A CAUSA DA PAZ UNIVERSAL, DEFENDEIS OS OUTROS POVOS CONTRA A AGRESSÃO FASCISTA, DEFENDEIS-VOS A VÓS MESMOS, ASSIM COMO O VOSSO LAR E OS VOSSOS FILHOS CONTRA A PILHAGEM DO FASCISMO».

Operários e operárias de todo o mundo!
Expulsi de Espanha os intervencionistas fascistas!
Expulsi da China os invasores [japoneses]!
Cerrai fileiras em volta da URSS, o grande país do socialismo vencedor!...

Mais uma fábrica de
material de guerra
PARA FRANCO

No cartório de Florentino Videira, fez-se há dias o arrendamento dum casarão antigo e terrenos anexos, pertencentes a Manuel Jordão, sito no Laurel—próximo do cemitério—Sintra.

No arrendamento declarou-se que o referido local se destina a uma fábrica de produtos químicos e farmacêuticos que funcionará sob a direcção do director da fábrica de pólvora de Barcelena que, no mesmo contrato, figura, falsamente, como arrendatário.

Não é verdade que se trate duma fábrica de produtos químicos e farmacêuticos, como também não é certo ser o Director da fábrica da pólvora o arrendatário, de facto.

Do que se trata, é de instalar mais uma fábrica de munições para os fascistas espanhóis e por conta dos mesmos com o apoio das autoridades portuguesas. O verdadeiro arrendatário do terreno é D. Manuel Falcon—representante de Franco junto do governo português—e que estava presente no acto do arrendamento.

A entrada no referido local está vedada e todo o pessoal que ali trabalha pertence à fábrica da pólvora. Que quere isto dizer?

Povo português! Val construír-se mais uma fábrica de munições mortíferas, destinadas a assassinar os nossos irmãos de Espanha. É preciso impedir que no nosso país se fabrique armas para assassinar as mulheres e as crianças espanhóis.

tensões alemãs os patriotas que assistem impassíveis à intrusão, não, cada vez mais evidente, da Alemanha na vida do nosso país e das colónias.

Respostas da Redacção
Porque é proibido o aborto na URSS?

Damos imediata resposta a esta pergunta formulada por algumas operárias do Barreiro.

O aborto é um acto inteiramente anormal e perigoso que tem roubado não poucas vidas e tem feito murchar não poucas juventudes. O aborto é um mal terrível. Mas, na sociedade capitalista, o aborto é um mal necessário inevitável, bemfazejo até.

Na sociedade capitalista um filho significa, para os trabalhadores, não uma fonte de privações, de tristezas e de ameaças. Quem tem filhos—diz-se—tem cadilhos...

Pode-se imaginar algo mais doloroso que uma família de operários obrigados a sustentar os seus miseráveis salários e ou 8 filhos? E a fome, o requitismo, a tuberculose, a tristeza da vida, vivida em promiscuidade. E que futuro espera essas crianças? Serem uns desgraçados... como dizem as nossas mães.

Por isso a mulher do país capitalista, é obrigada a sentir o doce sentimento da maternidade, é obrigada a recorrer, tantas vezes com o coração sangrando, ao aborto.

Por isso, a proibição do aborto, na sociedade capitalista, é uma hipocrisia e uma brutalidade. Na URSS, a situação é totalmente diferente, como é diferente a noite e o dia.

Na U.R.S.S., não há desemprego, não há miséria—há abundância de produtos. Tanto a mulher como o homem recebem salários que satisfazem as necessidades. A mulher grávida tem 4 meses de férias durante o período da gravidez, com os salários pagos. Há maternidades, creches, jardins de infância e escolas por toda a parte. O governo soviético dá prémios que vão até 5 mil rublos para as mães que tenham mais de 5 filhos, etc.

Ser mãe, é uma das grandes aspirações das jovens soviéticas. —E onde há uma mãe que não quisesse ser mãe sabendo que o mundo floria para acolher o seu menino? Sabendo que o seu filho não seria um desgraçado mas um cidadão livre da grande República do Socialismo? A criança, na URSS, deixou de ser um oneroso peso para a família, para se tornar numa fonte luminosa de alegria e de felicidade.

O aborto perdeu portanto a sua única justificação, tornou-se desnecessário. Por isso, o governo soviético resolveu propor, ao povo trabalhador, a abolição da liberdade, de praticar o aborto—liberdade essa concedida, a título provisório, nos primeiros tempos da república soviética, quando esta gentia sob a pressão da fome e da pobreza ocasionadas pela guerra e pela contra-revolução capitalista. Depois de discutirem amplamente a tal proposta pelo governo soviético, as mulheres, e todo o povo trabalhador, aprovaram essa lei que correspondia inteiramente às condições de existência livre e feliz que gozavam os que trabalhavam na grande Pátria do Socialismo triunfante.



INTERNACIONAL

A pé ó vítimas da fome!
A pé famélicos da terra!
Da ideia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra!
Cortai o mal bem pelo fundo!
A pé! A pé! Não mais senhores!
Se nada somos em tal mundo,
Sejamos tudo ó produtores.

Bem unidos façamos
Nesta luta final, (bis)
Duma terra sem amos
A INTERNACIONAL

Messias, Deus, chefes supremos,
Nada esperamos de nenhum!
Sejamos nós que conquistemos
A terra mãe livre e comum!
Para não termos protestos vãos,
Para sair d'êste antro estreito
Façamos nós por nossas mãos
Tudo o que a nós diz respeito.

Bem unidos façamos
Nesta luta final, (bis)
Duma terra sem amos
A INTERNACIONAL

Crime do rico a lei o cobre
O Estado esmaga o oprimido
Não há direitos para o pobre,
Ao rico tudo é permitido.
À opressão não mais sujeitos!
Somos iguais a todos os seres,
Não mais deveres sem direitos,
Não mais direitos sem deveres.

Bem unidos façamos
Nesta luta final, (bis)
Duma terra sem amos
A INTERNACIONAL

Abomináveis na grandeza
Os reis da mina e da fornalha,
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha.
Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolheu
Querendo que ela o restituia,
O povo só quer o que é seu.

Bem unidos façamos
Nesta luta final, (bis)
Duma terra sem amos
A INTERNACIONAL

Fomos do fumo embriagados!
Paz entre nós, guerra entre os senhores
Façamos grêve de soldados,
Somos irmãos trabalhadores
Se a raça vil cheia de galas,
Nos quer a força canibais,
Logo verá que as nossas balas
São para os nossos generais.

Bem unidos façamos
Nesta luta final, (bis)
Duma terra sem amos
A INTERNACIONAL

Somos o povo dos activos,
Trabalhar forte e fecundo,
Pertence a terra aos produtivos
Oh! Parasita deixa o mundo.
Oh! Parasita que te nutres
Do nosso sangue a gotear,
Se nos faltarem os abutres,
Não deixa o sol de fulgurar.

Bem unidos façamos
Nesta luta final, (bis)
Duma terra sem amos
A INTERNACIONAL